

## RESENHA

**GARDEL, Stênio. A palavra que resta. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.**

Maria Gabriella Souza<sup>69</sup>

“A palavra que resta” é a obra inaugural do autor Stênio Gardel, possui 160 páginas, sendo, portanto, uma obra curta, tendo sido publicada pela editora Companhia das Letras no ano de 2021.

O texto é de uma leitura fácil e fluida, é dividido em quatro partes e estas subdivididas em 29 capítulos. Uma característica importante é o fato de cada capítulo ser nomeado com apenas uma palavra, o que já anuncia que a obra será narrada aos moldes de “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos (1938), ou seja, com assertividade e objetividade, ainda mais somado ao fato de que ambas foram escritas no interior do árido sertão nordestino.

---

<sup>69</sup> Graduanda do 7º período de Direito pela Universidade de Uberaba – UNIUBE Estagiária de Direito da Defensoria Pública da Comarca de Uberaba-MG / 1ª Vara Criminal / Sob a supervisão da Defensora Pública Dra. Larissa de Oliveira e Dias – MADEP 85 Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisas em Direito e Literatura “Legis Litterae” - NEPEDILL. mariagabriellanunessouza@gmail.com,

Segundo o jornalista Diego Barbosa, Gardel é funcionário do Tribunal Regional Eleitoral – TRE, no estado do Ceará, e foi a partir da realidade de analfabetismo vivenciada neste órgão que surgiu a ideia central do enredo do romance “A palavra que resta”, ideia essa que só foi concretizada na oficina de escrita de Socorro Acioli, escritora cearense que ministra cursos e foi a incentivadora do autor a produzir a obra em análise.

Outro fator interessante é que o autor, assim como o personagem central da obra, Raimundo, é homossexual, de maneira que toda a trama trabalhada foi sentida e explorada por si próprio.

Trata-se de uma obra cujo tema central é a sofrida história de amor entre Raimundo e Cícero, um casal homossexual que no auge de sua juventude teve seu romance descoberto por suas famílias, obrigando ambos a se afastarem, de forma que nunca mais tornariam a se ver, sendo que o único elo que os unia era uma carta escrita por Cícero.

A carta, que ganha as feições de um personagem no decorrer da leitura, fora deixada por Cícero e endereçada a Raimundo, que por sua vez, desconhecia o seu conteúdo, já que era analfabeto. Este nunca permitiu que ninguém lesse a carta, de maneira que sempre a levava consigo.

Portanto, é a partir da curiosidade em saber quais foram as palavras deixadas por Cícero que o leitor se vê envolvido na história e espera por seu final. Contudo, o autor usa desse artifício para fazer *flashbacks* e ir narrando toda a vida de Raimundo, desde sua partida até o momento que com 71 anos de idade decide aprender a ler para decifrar as palavras do seu primeiro e único grande amor.

No decorrer da trama, descobre-se que Damião, pai de Raimundo, que tanto o açoitava após descobrir sua sexualidade, trazia um passado também marcado pela dor e sofrimento causados pela homossexualidade, só que dessa vez, a de seu irmão, Dalberto. O irmão tão amado, que ele protegia e tentava esconder a sua situação a todo custo do pai, fora morto, assassinado por este, no rio, local onde ficou marcado com uma cruz.

Ou seja, essa é a homofobia mais grave externada na obra, o assassinato de um filho homossexual pelo próprio pai, resultado de uma cultura marcadamente machista, misógina, sexista e homofóbica. É a representação de um pensamento patriarcal em que o homem é visto como o pai de família e provedor desta, não se admitindo a união entre duas pessoas do mesmo sexo, já que não é possível haver frutos naturais dessa relação, ou seja, filhos.

Damião não deseja a morte de Raimundo. O ato de espancar rotineiramente o próprio filho após descobrir ser este homossexual representa o medo que ele tem de a sociedade fazer com Raimundo o mesmo que seu pai fizera com seu irmão. Ele tenta, ainda que saiba ser impossível, retirar tal situação de seu filho, de modo que possa evitá-lo de sofrer duas vezes a perda de um ente querido, amado. Damião, portanto, é uma vítima algoz, ou seja, reproduz no filho o medo, a covardia, a repulsa que seu próprio pai havia lhe transmitido, mas acima de tudo, ama Raimundo, de maneira que adocece e enlouquece quando este parte e vai embora.

A mãe de Raimundo, Caetana, expressa um comportamento peculiar ao que é esperado das mães. Ela expulsa o próprio filho de casa com o argumento de que a homossexualidade de Raimundo representava um

pecado, uma imundície, e, diante disso, a casa estava infestada por desgraças. Ela imputa a morte prematura de seus filhos gêmeos Pedro e Manuel à heresia do primogênito.

Dessa forma, Raimundo, mesmo a contragosto parte e vai embora. Logo encontra o caminhoneiro Salviano e posteriormente Alex, e vai trabalhar de “chapa” para estes. Passa, portanto, aproximadamente quatro árduas décadas de sua vida “lascando” suas costas com o trabalho, de maneira que se tornou “corcunda como se tivesse sempre uma saca invisível nos ombros” (GARDEL, 2021, p. 63), isso tudo para não demonstrar que era homossexual.

O personagem central tenta se envolver com mulheres, na esperança de se “endireitar”, contudo, com o passar do tempo vê que tal feito é irrealizável. Os anos se passam e em um episódio grave que traduz a violência exercida contra os transexuais, Raimundo conhece Suzzanný. Ele agride e espanca a transexual, reproduzindo o mesmo *modus operandi* que seu pai outrora havia lhe aplicado, na tentativa de, assim como o ascendente, negar sua sexualidade, que até então era tida como desprezível por ele próprio.

Suzzanný precisa de atendimento médico e então Raimundo, na vulnerabilidade de ser descoberto caso ela o denuncie, presta auxílio levando-a até um hospital, e pede em seguida que se caso ela for até a polícia não conte sobre sua homossexualidade, afinal, ele preferia ir preso por roubo do que na condição de um homossexual que havia espancado uma transexual. A fala reproduzida por Suzzanný merece especial atenção.

Vejamos: “Tem justiça pra nós ainda não, só a justiça que eu mesma me faço, me levantando da cama todo dia” (GARDEL, 2021, p. 95).

Recentemente o relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU), que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIA+, demonstrou que 70% de todos os assassinatos registrados aconteceram na América do Sul e Central, sendo 33% no Brasil, seguido pelo México, com 65 mortes, e pelos Estados Unidos, com 53.

Tais dados comprovam que o Brasil, infelizmente, continua pelo 13º ano consecutivo sendo o país que mais mata pessoas trans e travestis em todo o mundo. Entre janeiro de 2008 e 2021, estima-se que pelo menos 4.042 pessoas trans e de gêneros diversos foram assassinadas.

Verifica-se ainda, segundo o relatório TGEU que as maiores vítimas de transfeminicídio são mulheres, de maneira que 96% das pessoas assassinadas em todo o mundo eram mulheres trans ou pessoas transfeminadas e 58% das pessoas trans assassinadas eram profissionais do sexo.

A própria Suzzanný era uma profissional do sexo, assim como Creide, que teve que abandonar a vida que levava para cuidar da filha, pois engravidara. Em várias passagens da obra, principalmente quando Raimundo ia até o “Cine”, o autor demonstra a vida precária que essas pessoas levam, de abandono, exclusão, de vivência a extrema margem da sociedade, estando totalmente suscetíveis às vulnerabilidades sociais.

Uma lufada de esperança veio com a recente decisão da 6ª Turma do Superior Tribunal de Justiça, em que ficou decidido que a Lei Maria da Penha (Lei 11. 340/2006) é a partir de agora aplicável a mulheres trans. O

colegiado deu provimento ao recurso do Ministério Público de São Paulo e determinou a aplicação das medidas protetivas requeridas por uma transexual. Em seu voto, o relator, ministro Rogério Schietti Cruz afirmou: "O verdadeiro objetivo da Lei Maria da Penha seria punir, prevenir e erradicar a violência doméstica e familiar contra a mulher em virtude do gênero, e não por razão do sexo".

Dessa forma, o ministro dá um passo à frente ao apreciar o quesito gênero e não o sexo. A violência é institucionalizada a respeito do primeiro e não do segundo, razão pela qual a proteção, a justiça, e o amparo ofertados a mulheres cis devem também ser estendidos a mulheres trans, de maneira que a fala de Suzzanný seja quebrada e haja também amparo estatal com leis e punição para atos praticados contra essa comunidade.

Por fim, outro grave problema social estampado na obra de Gardel é o analfabetismo. Raimundo Gaudêncio passa a maior parte de sua vida tentando decifrar as letras e ler a carta deixada por Cícero, em uma sensação, "decifra-me ou te devoro". Decide então, aos 71 anos de idade aprender a ler e dar um fim àquele enigma.

Na escola, vários momentos importantes de cidadania são aprendidos. Retirado do ambiente de aprendizagem precocemente, não tendo aprendido a ler nem a escrever, pois precisava ajudar no labor da roça, uma das grandes felicidades de Raimundo foi trocar a Carteira de Identidade para uma em que pudesse assinar, e não constasse apenas a sua digital.

A aula era sobre os documentos que a pessoa usa. RG, certidão de nascimento, carteira de trabalho, certidão de casamento. Não queria perder nem um minuto, que na outra semana, ou na

outra, dependendo de como estivesse a assinatura, iria no cartório trocar a carteira de identidade (GARDEL, 2021, p. 21).

Ao final da obra, o conteúdo da carta fica subentendido, já que Raimundo decide não lê-la, dois sentidos são dados: o de que Cícero se tornou um pai de família e o de que este ainda estaria esperando a volta de seu grande amor. Fato é que Raimundo se tornou um exímio costureiro e passou a viver ao lado de Suzzanný. É uma obra impactante, que aborda temas caros da realidade brasileira e que devem ser ativamente discutidos desde o cerne, que é a educação até medidas repressivas a exemplo do recente julgado citado.